

VICTOR
HUGO

Os miseráveis

Tradução de

FREDERICO OZANAM PESSOA DE BARROS

Apresentação de

RENATO JANINE RIBEIRO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da apresentação © 2012 by Renato Janine Ribeiro

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Les Misérables

REVISÃO
Angela das Neves
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hugo, Victor, 1802-1885.

Os miseráveis / Victor Hugo ; tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros ; apresentação de Renato Janine Ribeiro. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Título original: Les Misérables.
ISBN 978-85-8285-048-0

1. Romance francês I. Ribeiro, Renato Janine. II. Título.

17-03638

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura francesa 843

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

TOMO I

Um novo olhar — Renato Janine Ribeiro,	17
Nota dos editores	27

OS MISERÁVEIS

Prefácio	29
	31

1. FANTINE, 33

Livro primeiro, 35

UM JUSTO

1. Charles Myriel, 35 | II. O sr. Myriel torna-se Dom Bienvenu, 39 | III. A bom Bispo mau Bispado, 45 | IV. As palavras em harmonia com as ações, 47 | V. De como Dom Bienvenu fazia para poupar suas batinas, 55 | VI. Por quem era guardada a sua casa, 59 | VII. Cravatte, 65 | VIII. Filosofia de sobremesa, 70 | IX. Como era visto pela irmã, 75 | X. O Bispo na presença de uma luz estranha, 79 | XI. Uma restrição, 94 | XII. A solidão de Dom Bienvenu, 99 | XIII. A fé de Dom Bienvenu, 103 | XIV. Como pensava Dom Bienvenu, 108

Livro segundo, 112

A QUEDA

1. A tarde depois de um dia de caminho, 112 | II. A prudência aconselhada à sabedoria, 126 | III. O heroísmo da obediência passiva, 130 | IV. Curiosidades sobre as fábricas de queijo de Pontarlier, 136 | V. Tranquilidade, 140 | VI. Jean Valjean, 142 | VII. O âmago do desespero, 148 | VIII. A onda e a sombra, 156 |

IX. Novos agravos, 158 | X. O hóspede desperto, 160 | XI. O que aconteceu, 163 | XII. O Bispo trabalha, 167 | XIII. O perverso Gervais, 170

Livro terceiro, 181

DURANTE O ANO DE 1817

I. 1817, 181 | II. Duplo quarteto, 197 | III. Quatro a quatro, 202 | IV. Tholomyès, contentíssimo, canta uma canção espanhola, 208 | V. No restaurante Bombarda, 211 | VI. O capítulo do amor, 214 | VII. Sabedoria de Tholomyès, 216 | VIII. Morre um cavalo, 223 | IX. Alegre fim da alegria, 227

Livro quarto, 231

CONFIAR É, POR VEZES, ABANDONAR

I. Duas mães se encontram, 231 | II. Primeiro esboço de duas figuras sombrias, 241 | III. A cotovia, 244

Livro quinto, 248

A DECADÊNCIA

I. História de um progresso no fabrico de vidrilhos pretos, 248 | II. Madeleine, 250 | III. Quantias depositadas no banco Laffitte, 254 | IV. Madeleine de luto, 257 | V. Relâmpagos no horizonte, 260 | VI. Fauchelevant, 266 | VII. Fauchelevant torna-se jardineiro em Paris, 270 | VIII. Madame Victurnien gasta trinta francos pelo bem da moral, 271 | IX. O êxito de Madame Victurnien, 274 | X. Continua o êxito de Madame Victurnien, 277 | XI. *Christus nos liberavit*, 283 | XII. O descanso de Bamatabois, 284 | XIII. Solução de algumas questões da polícia municipal, 287

Livro sexto, 299

JAVERT

I. Princípio de repouso, 299 | II. De como “Jean” pôde transformar-se em “Champ”, 303

Livro sétimo, 315

O CASO CHAMPMATHIEU

I. Irmã Simplicite, 315 | II. Perspicácia de mestre Scaufflaire, 318 | III. A tempestade de uma consciência, 323 | IV. Formas que o sofrimento toma durante o sono, 345 | V. Imprevistos, 349 | VI.

Irmã Simplicie é posta à prova, 363 | VII. O viajante, chegando a seu destino, toma precauções para voltar, 371 | VIII. Entrada de favor, 376 | IX. As convicções prestes a se formar, 380 | X. Negação sistemática, 389 | XI. Champmathieu cada vez mais admirado, 397

Livro oitavo, 402

CONTRAGOLPE

1. Em que espelho Madeleine contempla seus cabelos, 402 | II. Fantine feliz, 405 | III. Javert contente, 409 | IV. A autoridade retoma seus direitos, 413 | V. Sepultura digna, 418

2. COSETTE, 425

Livro primeiro, 427

WATERLOO

1. O que se vê vindo de Nivelles, 427 | II. Hougomont, 429 | III. 18 de junho de 1815, 437 | IV. A, 440 | V. O *Quid obscurum* das batalhas, 442 | VI. Quatro horas da tarde, 446 | VII. Napoleão de bom humor, 449 | VIII. O Imperador faz uma pergunta ao guia Lacoste, 457 | IX. O inesperado, 460 | X. O planalto de Mont-Saint-Jean, 464 | XI. Mau guia para Napoleão, bom guia para Bülow, 470 | XII. A guarda, 472 | XIII. A catástrofe, 474 | XIV. O último esquadrão, 477 | XV. Cambronne, 479 | XVI. *Quot libras in duce?*, 482 | XVII. Deve-se achar bom Waterloo?, 488 | XVIII. Recrudescência do direito divino, 491 | XIX. O campo de batalha à noite, 495

Livro segundo, 504

O NAVIO DE GUERRA ORION

1. O número 24601 transforma-se em 9430, 504 | II. Onde se leem dois versos talvez da autoria do diabo, 508 | III. Era preciso que a corrente da manilha tivesse sido preparada para se quebrar com um simples golpe de martelo, 513

Livro terceiro, 525

CUMPRIMENTO DA PROMESSA FEITA À MORTA

I. O problema da água em Montfermeil, 525 | II. Dois retratos completos, 529 | III. Vinho para os homens, água para os cavalos, 535 | IV. Entra em cena uma boneca, 538 | V. Sozinha, 539 | VI. Prova-se a inteligência de Boulatruelle, 545 | VII. Cosette na escuridão ao lado de um desconhecido, 551 | VIII. Má vontade de alojar um pobre que talvez não o seja, 554 | IX. Esperteza de Thénardier, 574 | X. Quem procura o melhor pode encontrar o pior, 583 | XI. O número 9430 reaparece e com ele Cosette ganha na loteria, 589

Livro quarto, 591

O PARDIEIRO GORBEAU

I. Mestre Gorbeau, 591 | II. Ninho para o Mocho e a Cotovia, 599 | III. A aliança de duas desgraças faz uma felicidade, 600 | IV. Observações da primeira locatária, 605 | V. Uma moeda de cinco francos faz ruído ao cair no chão, 607

Livro quinto, 612

CAÇA TENEBROSA, MATILHA SILENCIOSA

I. Os zigue-zagues da estratégia, 612 | II. Felizmente passam veículos pela Pont d'Austerlitz, 616 | III. Ver a planta de Paris de 1727, 618 | IV. Fuga às apalpadelas, 622 | V. O que seria impossível com a iluminação a gás, 625 | VI. Começo de um enigma, 629 | VII. Continua o enigma, 631 | VIII. O enigma aumenta, 634 | IX. O homem do guizo, 636 | X. Onde se explica de que modo Javert se sentiu logrado, 640

Livro sexto, 651

PETIT-PICPUS

I. Travessa Picpus, número 62, 651 | II. A congregação de Martin Verga, 655 | III. Severidades, 663 | IV. Alegrias, 665 | V. Distrações, 669 | VI. O pequeno convento, 675 | VII. Algumas silhuetas dessa sombra, 678 | VIII. *Post corda lapides*, 681 | IX. Um século debaixo de um hábito, 683 | X. Origem da adoração perpétua, 685 | XI. Fim do Petit-Picpus, 687

Livro sétimo, 690

PARÊNTESE

I. O convento, ideia abstrata, 690 | II. O convento como fato histórico, 691 | III. Sob que condição podemos respeitar o passado, 694 | IV. O convento do ponto de vista dos princípios, 697 | V. A oração, 699 | VI. A bondade absoluta da oração, 700 | VII. Precauções indispensáveis à censura, 703 | VIII. Fé e lei, 704

Livro oitavo, 708

OS CEMITÉRIOS RECEBEM O QUE LHES DÃO

I. Como entrar no convento, 708 | II. Fauchelevant depara-se com dificuldades, 716 | III. Madre Innocente, 719 | IV. Onde Jean Valjean parece ter lido Austin Castillejo, 734 | V. Não basta ser bêbado para ser imortal, 741 | VI. Entre quatro tábuas, 748 | VII. Onde se explica a origem do ditado: não perder a cartada, 750 | VIII. Interrogatório bem-sucedido, 759 | IX. Clausura, 763

3. MARIUS, 773

Livro primeiro, 775

PARIS ESTUDADA EM SEU ÁTOMO

I. Parvulus, 775 | II. Alguns de seus sinais particulares, 776 | III. Como é agradável, 777 | IV. Como pode ser útil, 779 | V. Suas fronteiras, 780 | VI. Um pouco de história, 783 | VII. O moleque teria classificação especial entre as castas da Índia, 785 | VIII. Onde se lerá uma encantadora frase dita pelo último rei, 788 | IX. A velha alma da Gália, 789 | X. *Ecce Paris, ecce homo*, 791 | XI. Zombar, reinar, 797 | XII. O futuro latente do povo, 800 | XIII. O pequeno Gavroche, 802

Livro segundo, 805

O GRANDE BURGUÊS

I. Noventa anos e trinta e dois dentes, 805 | II. Tal dono, tal casa, 807 | III. Luc-Esprit, 809 | IV. Aspirante centenário, 810 | V. Basco e Nicolette, 811 | VI. Onde se entrevê Magnon e seus dois filhos, 813 | VII. Regra: não receber ninguém senão à noite, 815 | VIII. As duas não fazem um par, 816

Livro terceiro, 819

O AVÔ E O NETO

I. Um salão tradicional, 819 | II. Um dos espectros vermelhos da época, 825 | III. *Requiescant*, 833 | IV. Fim do salteador, 845 | V. Como é bom ir à missa para se tornar revolucionário, 849 | VI. O que pode significar encontrar um sacristão, 851 | VII. Alguma saia, 859 | VIII. Mármore contra granito, 865

Livro quarto, 872

OS AMIGOS DO ABC

I. Um grupo que esteve a ponto de se tornar histórico, 872 | II. Oração fúnebre de Blondeau, por Bossuet, 893 | III. Surpresas de Marius, 897 | IV. A sala secreta do café Musain, 900 | V. O horizonte se alarga, 910 | VI. *Res angusta*, 915

Livro quinto, 919

EXCELÊNCIA DA DESGRAÇA

I. Marius indigente, 919 | II. Marius pobre, 922 | III. Marius progride, 925 | IV. O sr. Mabeuf, 930 | V. A pobreza, boa vizinha da miséria, 936 | VI. O substituto, 938

Livro sexto, 946

A CONJUNÇÃO DE DUAS ESTRELAS

I. O apelido como origem dos nomes de família, 946 | II. *Lux facta est*, 949 | III. Efeito da primavera, 952 | IV. Início de uma doença grave, 953 | V. Trovões sobre *Mame Bougon*, 956 | VI. Marius prisioneiro, 958 | VII. Aventuras da letra *u* entregue a conjecturas, 961 | VIII. Os próprios inválidos podem ser felizes, xx | IX. Eclipse, 966

Livro sétimo, 969

PATRON-MINETTE

I. As minas e os mineiros, 969 | II. O *bas-fond*, 972 | III. Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse, 974 | IV. Composição da quadrilha, 978

Livro oitavo, 982

O MAU POBRE

I. Marius, procurando uma jovem de chapéu, encontra um homem de boné, 982 | II. Achado, 984 | III. *Quadrifrons*, 986 | IV. Uma rosa na miséria, 992 | V. Uma fresta providencial, 999 | VI. O homem selvagem em sua toca, 1002 | VII. Estratégia e tática, 1007 | VIII. Um raio de luz na pocilga, 1011 | IX. Jondrette quase chora, 1014 | X. Tarifa dos cabriolés de praça: dois francos a hora, 1018 | XI. A miséria se oferece para ajudar o infortúnio, 1022 | XII. O uso que se fez da moeda de cinco francos do sr. Leblanc, 1025 | XIII. *Solus cum solo, in loco remoto, non cogitabuntur orare pater noster*, 1031 | XIV. Um agente de polícia dá duas pistolas a um advogado, 1034 | XV. Jondrette faz compras, 1038 | XVI. Ouve-se novamente a canção com música inglesa muito em moda em 1832, 1041 | XVII. Para que serviu a moeda de cinco francos de Marius, 1045 | XVIII. As duas cadeiras de Marius frente a frente, 1049 | XIX. Preocupação com os cantos escuros, 1051 | XX. A cilada, 1056 | XXI. Sempre se deve começar por prender as vítimas, 1083 | XXII. O pequeno que gritava no Livro primeiro da Segunda parte, 1087

TOMO II

4. O IDÍLIO DA RUE PLUMET E A EPOPEIA
DA RUE SAINT-DENIS, 1097

Livro primeiro, 1099

ALGUMAS PÁGINAS DE HISTÓRIA

I. Bem cortado, 1099 | II. Mal cosido, 1106 | III. Luís Filipe, 1110 | IV. Fendas nos alicerces, 1120 | V. Fatos dos quais surge a história e que a própria história ignora, 1128 | VI. Enjolas e seus tenentes, 1141

Livro segundo, 1148

EPONINE

I. O campo da cotovia, 1148 | II. Formação embrionária dos crimes na incubação das prisões, 1155 | III. Aparição ao sr. Mabeuf, 1160 | IV. Aparição a Marius, 1164

Livro terceiro, 1171

A CASA DA RUE PLUMET

I. A casa do segredo, 1171 | II. Jean Valjean, guarda nacional, 1176 | III. *Foliis ac frondibus*, 1179 | IV. Mudança de grade, 1184 | V. A rosa descobre que é uma máquina de guerra, 1189 | VI. Começa a batalha, 1194 | VII. Para tristeza, tristeza e meia, 1198 | VIII. A corrente, 1203

Livro quarto, 1215

O SOCORRO DA TERRA PODE VIR DO CÉU

I. Ferido por fora, intacto por dentro, 1215 | II. Mme. Plutarco não se sente embaraçada ao explicar certos fenômenos, 1217

Livro quinto, 1227

ONDE O FIM NÃO SE ASSEMELHA AO PRINCÍPIO

I. Solidão e caserna combinadas, 1227 | II. Receios de Cosette, 1229 | III. Eloquência dos comentários de Mme. Toussaint, 1233 | IV. Um coração sob uma pedra, 1236 | V. Cosette depois da carta, 1240 | VI. Os velhos são feitos para sair na hora conveniente, 1243

Livro sexto, 1247

O PEQUENO GAVROCHE

I. Maldade do vento, 1247 | II. O pequeno Gavroche tira proveito de Napoleão, O Grande, 1251 | III. As peripécias da evasão, 1277

Livro sétimo, 1294

A GÍRIA

I. Origem, 1294 | II. Raízes, 1304 | III. Gíria que chora, gíria que ri, 1314 | IV. Dois deveres: velar e esperar, 1320

Livro oitavo, 1325

ENCANTAMENTOS E DESOLAÇÕES

I. Luz plena, 1325 | II. O encantamento da felicidade completa, 1331 | III. Começo de sombra, 1334 | IV. *Cab* corre em inglês e *Jappe* em calão, 1337 | V. Coisas da noite, 1346 | VI. Marius volta à realidade a ponto de dizer a Cosette onde mora, 1347 | VII. Um coração jovem na presença de um coração velho, 1354

Livro nono, 1369

PARA ONDE VÃO ELES?

I. Jean Valjean, 1369 | II. Marius, 1371 | III. O sr. Mabeuf, 1374

Livro décimo, 1380

5 DE JUNHO DE 1832

I. A superfície da questão, 1380 | II. O âmago da questão, 1384 | III. Um enterro: ocasião para renascer, 1394 | IV. O antigo fermento, 1401 | V. Originalidade de Paris, 1407

Livro décimo primeiro, 1412

O ÁTOMO FRATERNIZA COM O FURACÃO

I. Alguns esclarecimentos a respeito das origens da poesia de Gavroche. Influência de um acadêmico sobre essa poesia, 1412 | II. Gavroche em marcha, 1415 | III. Justa indignação de um cabeleireiro, 1419 | IV. A criança admira-se pelo velho, 1421 | V. O velho, 1423 | VI. Recrutadas, 1426

Livro décimo segundo, 1428

CORINTO

I. História de Corinto desde sua fundação, 1428 | II. Alegrias preliminares, 1435 | III. Começa a anoitecer para Grantaire, 1446 | IV. Tenta-se consolar a viúva Hucheloup, 1450 | V. Preparativos, 1454 | VI. À espera, 1456 | VII. O homem recrutado na Rue des Billettes, 1461 | VIII. Dúvidas a respeito de certo Le Cabuc, que talvez não se chamasse assim, 1465

Livro décimo terceiro, 1471

MARIUS ENTRA NA SOMBRA

I. Da Rue Plumet ao Quartier Saint-Denis, 1471 | II. Paris à noite, 1474 | III. O limite extremo, 1477

Livro décimo quarto, 1485

A GRANDEZA DO DESESPERO

I. A bandeira: primeiro ato, 1485 | II. A bandeira: segundo ato, 1488 | III. Seria melhor que Gavroche tivesse aceitado a carabina de Enjolras, 1491 | IV. O barril de pólvora, 1493 | V. Fim dos versos de Jean Prouvaire, 1496 | VI. A agonia da morte depois da agonia da vida, 1498 | VII. Gavroche, profundo calculador de distâncias, 1503

Livro décimo quinto, 1508

A RUE DE L'HOMME-ARMÉ

I. O mata-borrão indiscreto, 1508 | II. O moleque inimigo das luzes, 1518 | III. Enquanto Cosette e Toussaint dormiam, 1522 | IV. Excesso de zelo de Gavroche, 1524

5. JEAN VALJEAN, 1533

Livro primeiro, 1535

A GUERRA ENTRE QUATRO PAREDES

I. A caribde de Saint-Antoine e a Cila do Faubourg du Temple, 1535 | II. Que fazer no abismo senão conversar?, 1544 | III. Luz e sombra, 1550 | IV. Menos cinco, mais um, 1552 | V. Que horizonte se avista do alto das barricadas, 1560 | VI. Marius esquivo, Javert lacônico, 1564 | VII. A situação se agrava, 1567 | VIII. Os artilheiros fazem-se levar a sério, 1571 | IX. Emprego do velho talento de caçador furtivo e da pontaria infalível que influiu sobre a condenação de 1796, 1575 | X. Aurora, 1576 | XI. O tiro de espingarda que, apesar de infalível, não mata ninguém, 1580 | XII. A desordem partidária da ordem, 1582 | XIII. Clarões que passam, 1586 | XIV. Onde se lerá o nome da amante de Enjolras, 1588 | XV. Gavroche fora da muralha, 1591 | XVI. Como o irmão se transforma em pai, 1595 | XVII. *Mortuus pater filium moriturum expectat*, 1605 | XVIII. O abutre transforma-se em presa, 1607 | XIX. A vingança de Jean Valjean, 1612 | XX. Os mortos têm razão, mas os vivos não deixam de tê-la, 1615 | XXI. Os heróis, 1625 | XXII. Corpo a corpo, 1631 | XXIII. Orestes em jejum, Pílades embriagado, 1635 | XXIV. Prisioneiro, 1639

Livro segundo, 1642

O INTESTINO DE LEVIATÃ

I. A terra empobrecida pelo mar, 1642 | II. História antiga do esgoto, 1647 | III. Bruneseau, 1652 | IV. Detalhes ignorados, 1656 | V. Progresso atual, 1660 | VI. Progresso futuro, 1662

Livro terceiro, 1668

LAMA E ALMA

I. A cloaca e suas surpresas, 1668 | II. Explicação, 1675 | III. O homem procurado, 1677 | IV. Também ele carrega uma cruz, 1682 | V. Tanto a areia como a mulher têm uma fineza pérfida, 1686 | VI. O sorvedouro, 1692 | VII. Às vezes se encalha onde se julga desembarcar, 1694 | VIII. A aba do casaco rasgada, 1696 | IX. Marius parece morto a um entendido, 1702 | X. A volta do filho pródigo, 1707 | XI. O absoluto perturbado, 1709 | XII. O avô, 1711

Livro quarto, 1718

JAVERT SEM RUMO

I. Javert sem rumo, 1718

Livro quinto, 1732

O NETO E O AVÔ

I. Aparece novamente a árvore com o emplastro de zinco, 1732 | II. Marius, saindo da guerra civil, prepara-se para a guerra doméstica, 1736 | III. Marius ataca, 1742 | IV. A srta. Gille-normand acabou por concordar que o sr. Fauchelevent entrasse com alguma coisa debaixo do braço, 1746 | V. É preferível depositar dinheiro em determinada floresta a depositá-lo em casa do tabelião, 1752 | VI. Os dois velhos fazem tudo, cada um a seu modo, para que Cosette seja feliz, 1754 | VII. Efeitos do sonho aliado à felicidade, 1764 | VIII. Dois homens impossíveis de encontrar, 1767

Livro sexto, 1772

A NOITE BRANCA

I. 16 de fevereiro de 1833, 1772 | II. Jean Valjean continua com o braço na tipoia, 1784 | III. A inseparável, 1795 | IV. Combate interminável, 1798

Livro sétimo, 1804

A ÚLTIMA GOTA DO CÁLICE

I. O sétimo círculo e o oitavo céu, 1804 | II. Os pontos obscuros que uma revelação pode conter, 1823

Livro oitavo, 1833

O CREPÚSCULO

I. A sala ao rés do chão, 1833 | II. Mais alguns passos para trás, 1838 | III. Recordações do jardim da Rue Plumet, 1841 | IV. Atração e extinção, 1846

Livro nono, 1849

SUPREMA SOMBRA, SUPREMA AURORA

I. Piedade para os desgraçados, indulgência para os felizes, 1849 | II. Últimas palpitações da lâmpada sem óleo, 1851 | III. Uma pena é pesada demais para quem levantou a carroça de Fauchelevent, 1853 | IV. Tinteiro que só consegue esclarecer, 1856 | V. Noite por detrás da qual há dia, 1878 | VI. A erva esconde, a chuva apaga, 1889

Cronologia, 1891

Obras de Victor Hugo, 1897

Bibliografia, 1900

Os miseráveis

Prefácio

Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscricção social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século — a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome e a atrofia da criança pela ignorância — não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis.

Victor Hugo
Hauteville-House, 1862.*

* *Hauteville-House* mansão comprada por Victor Hugo em Guernesey, pequena ilha inglesa no mar da Mancha, onde passou a maior parte de seu exílio, provocado por sua oposição ao golpe de Estado que levou ao poder Luís Bonaparte, Napoleão III.

I.
FANTINE

Livro primeiro

Um justo

I. CHARLES MYRIEL

Em 1815, era Bispo de Digne¹ o Sr. Charles-François-Bienvenu Myriel,² um velho com mais ou menos setenta e cinco anos de idade, que aí residia desde 1806.

Embora esse detalhe não afete de maneira nenhuma a essência de nossa narração, não é, contudo, inútil, ainda

1. *Digne* capital do departamento dos Baixos-Alpes, a 830 quilômetros de Paris, no meio das montanhas; sede de bispado desde o século IV, pertenceu a princípio à província de Embrun, e, a partir de 1790, à diocese sufragânea de Aix. Apesar de muitas edições, mesmo atuais, trazerem apenas as iniciais dos nomes de cidades, pusemo-los por extenso, seguindo o desejo expresso pelo autor em seus manuscritos: “depois de minha morte, quando se reimprimir este livro, é necessário que se escrevam por extenso os nomes das cidades”.

2. *Charles Myriel* semelhanças de datas e até de nomes tornaram fácil identificar o personagem em que se inspirou o autor para criar a figura de C. Myriel. Trata-se de Charles-François-Melchior Bienvenu Miollis, Prelado francês, nascido e morto em Aix (1753-1843), nomeado Vigário de Brignolles justamente em 1804, e Bispo de Digne em 1805. Tomou parte no Concílio de Paris, em 1811, e se opôs energicamente às pretensões de Napoleão. Retirou-se da diocese em 1838 por causa de sua idade já muito avançada. De grande e esclarecida

que não fosse senão para sermos exatos em tudo, reproduzir aqui os comentários sobre sua pessoa quando chegou à diocese. Verdade ou mentira, muitas vezes o que se diz dos homens tem tanta importância em sua vida como o que estes realmente fazem. O Sr. Myriel era filho de um conselheiro do Parlamento de Aix; aristocracia parlamentar. Contava-se que seu pai, querendo-o como herdeiro do cargo, casou-o muito cedo, com dezoito ou vinte anos, seguindo uso muito comum entre famílias parlamentares. Charles Myriel, apesar do casamento, deu muito que falar. Era atraente, embora de pequena estatura, elegante, gracioso, espirituoso; toda a primeira parte de sua vida foi gasta em galantarias e mundanidades. Veio a Revolução, os acontecimentos se precipitaram, as famílias parlamentares, dizimadas, procuradas, cercadas, dispersaram-se. Charles Myriel, logo nos primeiros dias da Revolução, fugiu para a Itália. Aí sua esposa faleceu, vítima de afecção pulmonar, de que havia tempos sofria. Não tinha filhos. Que se passou, então, na vida de Charles Myriel? Talvez a destruição da antiga sociedade francesa, a queda de sua própria família, os trágicos espetáculos de 1793, mais aterradores ainda para os emigrados, que os viam

piedade, sua vida foi sumamente edificante. O autor, contudo, dando caráter mundano à juventude e virilidade de C. Myriel, provocou reclamações por parte da família Miollis e da imprensa católica. Todavia, coisa comum entre escritores, seu personagem não foi inspirado em uma única pessoa. Podemos dizer que a juventude mundana, inexistente na vida de Bienvenu Miollis, tirou-a o autor de São Francisco de Sales, símbolo da bondade arduamente conquistada, por quem Victor Hugo, neste romance mesmo, demonstra várias vezes grande predileção. Uma frase até, de que usa para descrever D. Myriel (cap. XIII), é quase obrigatória nas biografias do Bispo de Genebra: “era homem cheio de paixões, talvez até violento. Sua perfeita mansidão não era instintiva, mas resultava de grande convicção destilada em seu íntimo através da vida”.

aumentados pela distância e pelo medo, tivessem feito nascer nele ideias de renúncia e solidão. Terá sido ele, em meio às distrações e amizades que ocupavam sua vida, subitamente vitimado por um desses golpes misteriosos e terríveis, que, às vezes, atingindo o coração, transtornam o homem que as catástrofes públicas, tirando-lhes família e fortuna, não conseguiriam abalar? Ninguém o poderia afirmar com segurança; sabe-se apenas que, ao voltar da Itália, ele era padre.

Em 1804, Myriel era vigário em Brignolles. Já idoso, vivia em profunda solidão.

Pela época da coroação, um pequeno problema de sua paróquia o levou a Paris. Entre outras pessoas influentes, visitou o Cardeal Fesch, para defender interesses de seus paroquianos.³ Numa ocasião em que o Imperador fora ao palácio de seu tio, o digno Sacerdote, que esperava na antecâmara, achava-se no caminho por onde Sua Majestade devia passar. Napoleão, sentindo-se observado com certa curiosidade, voltou-se e disse bruscamente:

— Quem é esse homem que está me olhando?

— *Sire* — disse o Sr. Myriel —, vós vedes um pobre homem; eu, porém, contemplo um grande homem. Ambos temos de que aproveitar.

O Imperador, na mesma noite, pediu ao Cardeal o nome daquele Padre, e algum tempo depois o Sr. Myriel foi surpreendido pela sua nomeação para a diocese de Digne.

Que havia de real, enfim, nas histórias que se conta-

3. *José Fesch* Cardeal-Arcebispo de Lião (1763-1839), tio de Napoleão Bonaparte; durante a Revolução Francesa ingressou no Exército, retomando o hábito eclesiástico em 1800. Nomeado cardeal, em 1804 acompanhou Pio VII a Paris para a coroação do Imperador. Apesar dos inúmeros cargos para que foi nomeado — Embaixador francês junto à Santa Sé, Grão-Capelão de S. M., Conde e Senador —, no concílio do clero francês, em 1811, defendeu o Papa prisioneiro contra os maus-tratos de Napoleão.

vam sobre a primeira parte da vida do Sr. Myriel? Ninguém o poderia dizer. Pouca gente havia conhecido sua família antes da Revolução.

O Sr. Myriel devia ter a sorte de todo recém-chegado a uma cidade pequena, onde há muitas bocas que falam e poucas cabeças que pensam; isso embora fosse ele Bispo, e justamente porque era Bispo. Enfim, os boatos em torno de sua pessoa não passavam de boatos, cochichos, diz que diz, palavrários.

Fosse quem fosse, afinal, depois de nove anos de episcopado e residência em Digne, todas essas invenções, objetos das conversas usuais, que ocuparam no princípio o povinho das pequenas cidades, foram completamente esquecidas. Ninguém ousaria repeti-las ou lembrá-las.

O Sr. Myriel chegou a Digne acompanhado da Srta. Baptistine, sua irmã, dez anos mais moça que ele, ainda solteira.

Tinham uma única criada, da mesma idade que a Srta. Baptistine, chamada Magloire que, depois de ser *a criada do Sr. Vigário*, tinha agora um duplo título: camareira da Srta. Baptistine e despenseira do Sr. Bispo.

A Srta. Baptistine era alta, pálida, delicada, agradável; era realmente o que indica a palavra “respeitável”, pois me parece que uma mulher para se tornar venerável precisa ser mãe. Nunca foi bonita; toda a sua vida, que não foi senão uma sequência de boas obras, envolveu-a numa espécie de brancura, de claridade, e, com os anos, ganhou o que poderíamos chamar de beleza da bondade. O que era magreza em sua juventude tornou-se transparência, diafaneidade que deixava entrever um anjo. Era mais que uma virgem, era uma alma. Parecia feita de sombras: o mínimo de corpo para que ali houvesse um sexo; um pouco de matéria envolvendo uma luz; grandes olhos sempre modestos; um pretexto, enfim, para que uma alma permanecesse na terra.

Mme. Magloire era uma velhinha pálida, gorda, ata-

refada, e sempre ofegante, por causa de sua contínua atividade e, ultimamente, também pela asma que a afligia.

À sua chegada, o Sr. Myriel foi acomodado no Palácio Episcopal, com todas as honras exigidas pelos decretos imperiais, que punham a dignidade episcopal logo abaixo da de Marechal de Campo. Visitaram-no o *Maire*⁴ e o Presidente, e ele, de sua parte, levou seus cumprimentos ao General e ao Prefeito.

Terminada a recepção, a cidade esperava sua atividade episcopal.

II. O SR. MYRIEL TORNA-SE DOM BIENVENU

O Palácio Episcopal de Digne era contíguo ao hospital; vasta e bela mansão construída em pedra nos começos do século passado, por D. Henri Puget, Doutor em Teologia pela Faculdade de Paris, Vigário de Simore, Bispo de Digne em 1712. Era uma verdadeira residência senhorial. Tudo ali era grandioso: os aposentos do Bispo, os salões, os quartos, o pátio principal muito espaçoso, rodeado de pórticos com arcadas, seguindo antiga moda florentina, e jardins com árvores magníficas. Na sala de jantar, longa e soberba ao rés do chão, abrindo-se para os jardins, D. Henri Puget ofereceu, em 29 de julho de 1714, um jantar de cerimônia aos Srs. Charles Brûlart de Genlis, Arcebispo-Príncipe de Embrun; Antoine de Mesgrigny, Capuchinho, Bispo de Grasse; Phillippe de Vendôme, Grão-Prior de França; Abade de Saint-Honoré de Lérins, François de Bertan de Grillon, Bispo-Barão de Vence; César de Sabran de Forcalquier, Bispo-Senhor de Glandève; e Jean Soanen, Padre do Oratório, Pregador Ordinário do Rei, Bispo-Senhor de Senez. Os retratos

4. *Maire* Na França, primeiro Magistrado dos municípios. Do latim *major*, afrancesado para *mayeur*.

desses sete personagens venerandos decoravam a sala, e essa data memorável, 29 de julho de 1714, estava gravada em letras de ouro sobre uma mesa de mármore branco.

O hospital era uma casa acanhada e baixa; um único andar com um pequeno jardim.

Três dias depois de sua chegada, o Bispo quis conhecer suas instalações. Terminada a visita, pediu ao Diretor que fosse até sua residência.

— Senhor Diretor — disse-lhe —, quantos doentes tem atualmente?

— Vinte e seis, Excelência.

— Justamente os que eu contei — disse o Bispo.

— As camas — continuou o Diretor — estão muito apertadas.

— Já o tinha notado.

— As salas são quartos comuns e o ar não se renova facilmente.

— É justamente o que me parece.

— Além disso, quando há um pouco de sol, o jardim é muito pequeno para os convalescentes.

— Já havia reparado nisso.

— Nas epidemias, este ano foi o tifo, há dois anos foi a febre miliar, às vezes com cem doentes, não sabemos o que fazer.

— E não podia ser de outra forma.

— Que quer, Excelência? — disse o Diretor. — É preciso resignar-se.

Esse diálogo se deu na sala de jantar, a galeria, ao rés do chão.

O Bispo calou-se por um momento; depois, voltando-se rapidamente para o Diretor do hospital, lhe disse:

— Quantos leitos, acha o senhor, poderiam caber nesta sala?

— Na sala de jantar de V. Exa.? — exclamou espantado o Diretor.

O Bispo percorria a sala com os olhos; parecia fazer cálculos e tomar medidas.

— “Nesta sala poderiam ficar vinte camas!” — disse consigo mesmo; depois, elevando a voz: — Olhe, Senhor Diretor; aqui há, evidentemente, um grande erro. Vocês são vinte e seis pessoas mal acomodadas em cinco ou seis quartos pequenos. Nós somos três, e há lugar para sessenta. Repito, aqui há um erro: vocês estão no meu lugar e eu no de vocês. Deem-me a minha casa; a de vocês é esta.

No dia seguinte, os vinte e seis doentes pobres estavam acomodados no Palácio Episcopal e o Bispo no hospital.

Charles Myriel não tinha fortuna, pois sua família perdera tudo durante a Revolução. Sua irmã recebia uma pensão vitalícia de quinhentos francos, que bastava para seus gastos pessoais. Ele, por sua vez, recebia do Estado, como Bispo, quinze mil francos. No mesmo dia em que se mudou para o edifício do hospital, determinou que essa quantia, de uma vez por todas, fosse empregada da seguinte maneira. Transcrevemos aqui uma anotação feita por ele mesmo.

ORÇAMENTO DAS DESPESAS DE MINHA CASA

Para o seminário menor 1 500 francos

Congregação das Missões 100 francos

Para os lazaristas de Montdidier 100 francos

Seminário das Missões Estrangeiras de Paris 200 francos

Congregação do Espírito Santo 150 francos

Fundações religiosas da Terra Santa 100 francos

Sociedades de Caridade Maternal 300 francos

Para a de Arles, mais 50 francos

Obras para a melhoria das prisões 400 francos

Obras para socorro e libertação de prisioneiros 500 francos

Para a libertação dos pais de família presos por dívidas 1000 francos

Abono ao ordenado dos professores pobres da diocese 2000 francos

Celeiro de Hautes-Alpes 100 francos
Congregação de senhoras de Digne, de Manosque e
de Sisteron, para educação gratuita de moças pobres
1500 francos
Para os pobres 6000 francos
Despesa pessoal 1000 francos
total 15000 francos

Durante todo o tempo em que foi Bispo de Digne o Sr. Myriel não mudou em nada essas disposições. Chamava a isso *ter regularizado as despesas da casa*.

Essa ordem foi aceita com absoluta submissão por Baptistine. Para ela, o Bispo de Digne era, ao mesmo tempo, seu irmão e seu Bispo, seu amigo e seu superior eclesiástico. Amava-o e venerava-o sinceramente. Se ele falava, ouvia cabisbaixa; se trabalhava, ajudava-o. Somente a criada, Mme. Magloire, reclamava um pouco. O Bispo, como vimos, não reservou para si mais que mil francos, que, junto à pensão da Srta. Baptistine, somaram mil e quinhentos francos por ano. Com essa quantia viviam as duas senhoras e o velho Sacerdote.

Quando um cura da aldeia ia a Digne, sempre achava um jeito de o hospedar, graças à severa economia de Mme. Magloire e à inteligente administração da Srta. Baptistine.

Um dia, já estava em Digne havia mais ou menos três meses, o Bispo disse:

— Com tudo isto, estou bem-arrumado!

— É isso mesmo! — exclamou Mme. Magloire. — O senhor nem ao menos reclamou a verba para as despesas de transporte na cidade e nas viagens pela diocese. Esse era o costume com os bispos de antigamente.

— Isso mesmo! — disse o Bispo. — A senhora tem razão, Mme. Magloire — e fez a reclamação.

Algum tempo depois, o Conselho Geral, considerando o pedido, votou-lhe uma soma anual de três mil fran-